

sinopse Lorenzo (Jacopo Elm Antinori), de 14 anos, é um jovem tímido e anti-social que, apesar disso, se recusa a cumprir uma existência banal. Do que mais gosta é ler e ouvir música. A sua maior ambição é viver só, sem conflitos, ruído ou qualquer tipo de interferência. Para isso, durante uma semana de férias, diz aos pais que vai esquiar com um grupo de amigos e resolve esconder-se na cave da sua casa. Mas tudo muda quando Olivia (Chá Falco), uma prima afastada, chega para uma visita inesperada. Conhecê-la vai alterar radicalmente a maneira como Lorenzo vê a vida. Olivia torna-se assim a sua melhor amiga e confidente, que lhe ensinará tudo o que ele nunca aprendeu sobre o mundo ou sobre como sobreviver nele...

Depois de "Os Sonhadores", em 2003, "Eu e Tu" marca o regresso à realização do veterano Bernardo Bertolucci ("O Último Tango em Paris", "O Último Imperador", "Um Chá no Deserto"). A história inspira-se na obra homónima escrita, em 2010, pelo italiano Niccolò Ammaniti.

Título original: Io e te (Itália, 2012, 103 min)

Realização: Bernardo Bertolucci

Interpretação: Tea Falco, Jacopo Olmo Antinori, Sonia Bergamasco, Veronica Lazar

Argumento: Bernardo Bertolucci, Niccolò Ammaniti, Umberto Contarello, Francesca Marciano

Fotografia: Fabio Cianchetti

Música: Franco Piersanti

Montagem: Jacopo Quadri

Estreia: 3 de Outubro de 2013

Distribuição: Leopardo Filmes

Classificação: M/12



Que jovens? E que famílias?

João Lopes, Cinemax

Cineasta com uma obra que se desenvolve ao longo de meio século, o italiano Bernardo Bertolucci nunca deixou de lidar com os dramas mais íntimos da juventude: assim volta a acontecer no admirável "Eu e Tu", estreado em Cannes/2012.

Há uma obsessão central no cinema de Bernardo Bertolucci. Tem a ver com a juventude e poderemos, talvez, resumi-la numa pergunta: como é que os jovens refazem, ou renegam, as heranças dos pais?

Afinal de contas, encontramos-a disseminada por histórias tão diferentes como a do filho revoltado de "Antes da Revolução" (1964), a do filho à procura da herança política do pai em "A Estratégia da Aranha" (1970), ou ainda, claro, a dos filhos errantes nas paisagens urbanas de Maio 68 evocadas em "Os Sonhadores" (2003).

"Eu e Tu" demorou algum tempo a chegar às salas portuguesas (foi um dos grandes acontecimentos de Cannes/2012, extra-competição), mas ainda bem que chegou. Estamos, de facto, perante um objecto fundamental no interior dessa lógica filial do cinema de Bertolucci, contando a história insólita do diálogo secreto de Lorenzo (Jacopo Olmo Antinori) com a sua meia irmã Olivia (Tea Falco), por assim dizer tentando preencher a ausência dos adultos.

O insólito da história está próximo do *fait divers*. Isto porque tudo começa com a bizarra fuga de Lorenzo: diz aos pais que parte para uma excursão escolar a uma estação de esqui mas, de facto, sai de casa para se instalar na... cave do seu próprio prédio. Dir-se-ia que alguns (anti-)heróis de Bertolucci são, assim, arquitectos de mundos a tender para o incomensurável da utopia; Lorenzo parece tocado pelo mesmo desejo, mas enquista-se no segredo do seu espaço familiar.

Não estamos, obviamente, perante um filme de peripécias mais ou menos "agitadas", explorando o vazio gerado pela ausência de argumento ou pelo excesso de efeitos especiais... Nada disso. "Eu e Tu" enfrenta uma questão transversal dos nossos dias: o mútuo desconhecimento das gerações, ou melhor, a penosa desagregação das certezas do espaço clássico da família (ou do espaço da família clássica).

Bertolucci sabe filmar as convulsões de tudo isso, não recusando os ecos simbólicos da sua história, mas também evitando quaisquer generalizações simplistas: Lorenzo e Olivia são seres únicos e irredutíveis, não meras marionetas para fazer passar uma "tese" edificante. Veja-se, por isso, a violência gratuita dos retratos juvenis que proliferam em "Morangos com Açúcar" e seus derivados... "Eu e Tu" é um filme feito também contra esse tratamento gratuito da juventude — a intensidade das suas emoções envolve também um sentido eminentemente político da responsabilidade social do cinema.

Rapaz só, rapariga só

Luís Miguel Oliveira, Público de 3 de Outubro de 2013

Está encontrado o filme de Bertolucci de que mais gostamos nos últimos 30 ou 40 anos.

Agora que se extinguíram os nomes da "comédia à italiana", Risi e Monicelli, é à geração de Bernardo Bertolucci e Marco Bellocchio, filhos da nouvelle vague e de Pasolini, quem melhor assenta o estatuto de "patriarcas" do cinema italiano. Bertolucci é mais (re)conhecido, por obra e graça de alguns filmes que se tornaram lendários, do *Último Tango em Paris* ao *Último Imperador*. A Bellocchio falta-lhe isso, para o bem e para o mal, mas é forçoso reconhecer que chegou à casa dos 70 anos com uma capacidade de pegar de caras a história recente do seu país (de Mussolini, em *Vencer*, às Brigadas Vermelhas, em *Bom Dia Noite*) que Bertolucci já perdeu há muito. De resto, e se Bellocchio também tem obra desigual, há bons argumentos



para defender que Bertolucci já não faz um filme bom, imprescindível, desde **O Conformista**, há mais de quarenta anos, com excepção de **Tragédia de um Homem Ridículo**, há mais de trinta.

Tudo isto para dizer que é difícil perceber o que fazer com os filmes que Bertolucci faz hoje. Ou quase não faz, visto que os intervalos são cada vez maiores (**Eu e Tu** aparece nove anos depois de **The Dreamers**), por razões que não terão apenas a ver com problemas de saúde. Um fio possível para deitar a mão à meada de Bertolucci é a juventude. **The Dreamers** falava do Maio de 68 como uma aventura adolescente, mais sentimental do que política, questão de “lust for life”. Os protagonistas de **Eu e Tu** voltam a ser jovens, ainda mais jovens do que os de **Dreamers**. E se estes se enfiavam na cave da Cinemateca Francesa (a aventura também era cinéfila), estes enfiam-se numa cave anónima, cheia de adereços e guarda roupa, para sessões de terapia convival, desintoxicação e teatro musical.

Explicamo-nos: **Eu e Tu** é a história de um garoto (de fâcias muito bem escolhido, tipo Malcolm McDowell borbulhento) em plena idade do armário, que se tranca na cave do prédio durante a semana em que a mãe pensa que ele foi fazer ski com os colegas da escola. Tranca-se por razão nenhuma: pura revolta “sem causa”, zangado com os pais, com a escola, com o mundo. Depois aparece-lhe a meia irmã, mais velha, que também escolheu a cave para se isolar e proceder a uma desintoxicação por conta própria, promessa feita ao namorado. O osso do filme assenta na relação entre eles. E se se pode sempre dizer que isto também é Bertolucci a “enfiar-se na cave” e a voltar costas ao mundo, de tal modo eu e tu se abstém de referências significativas ao que quer que seja para além da relação entre os dois meio-irmãos, esta história de intimidade subterrânea até resulta bastante bonita. Bertolucci parece lançar algumas pistas, quase private jokes - o psicólogo que na primeira cena atende o miúdo está em cadeira de rodas, como, por causa de uma hérnia, Bertolucci está actualmente, e portanto é como se Bertolucci “apadrinhasse” o miúdo; o miúdo que, numa das últimas cenas antes de se encerrar na cave, irrita a mãe com perguntas incestuosas, como se fosse **La Luna** revisto com um sentido de irrisão adolescente. Mas nada disto prevalece sobre o sentido essencial do filme, que é um rumo para a pacificação, uma resolução da “revolta” através da aprendizagem do contacto com os outros. Se a miúda se desintoxica da heroína, o miúdo desintoxica-se da sua aversão ao contacto e ao convívio, aprende que se pode esperar dos outros, em determinadas circunstâncias, alguma coisa boa. Num golpe bastante feliz, Bertolucci transfere integralmente para uma canção de David Bowie (Ragazzo Solo, Ragazza Sola, versão italiana de Space Oddity), dançada e cantada pelo par de irmãos, a expressão da moral da história e a chave para desatar o seu novelo psicológico. Depois, pode fixar o sorriso do rapaz num paralítico que, de certezinha absoluta, integra uma memória do plano final dos **Quatrocentos Golpes**. E portanto até é simples: está encontrado o filme de Bertolucci de que mais gostamos nos últimos 30 ou 40 anos.